

Concepção de Amizade nos Jovens

Isabel Soares * e Bártolo Paiva Campos **

Analisam-se as concepções de amizade nos jovens tendo como quadro de referência a abordagem sócio-cognitiva de R. Selman sobre a compreensão interpessoal. O estudo, com carácter exploratório, baseia-se na análise de conteúdo de um questionário constituído por frases a completar sobre as concepções de amizade. Este questionário foi respondido por 240 alunos do ensino secundário, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos. Analisam-se os resultados tendo em conta as diferenças encontradas em função do sexo e idade dos sujeitos, bem como entre os estádios das concepções e da estrutura da tomada de perspectiva social. Enquanto os resultados constatados relativamente às diferenças entre rapazes e raparigas corroboram investigações anteriores, os outros dados não vão justamente no mesmo sentido das conclusões referidas na literatura. Esta dissonância é discutida à luz da metodologia seguida neste estudo, diferente da utilizada em outras investigações.

O presente trabalho insere-se no âmbito dos estudos da Cognição Social cujas preocupações mais gerais se centram na descrição e explicação dos processos e conteúdos do raciocínio, conhecimento ou pensamento sobre questões ou relações sociais.

Embora o domínio seja amplo e diverso, uma afirmação básica está subjacente à maior parte dos trabalhos nesta área: a maneira como cada indivíduo raciocina sobre outras pessoas ou sobre situações e acontecimentos sociais é um dos determinantes mais importantes do seu comportamento e adaptação social (Shantz, 1983).

Em termos de modelo clássico do comportamento S-O-R, a cognição social poderia ser conceptualizada como mediadora entre a situação e o com-

portamento social (Ruble *et al.*, 1985). Esta preocupação com os processos internos mediadores entre os estímulos e as respostas assenta na convicção de que não respondemos ou reagimos directamente aos acontecimentos mas sim às representações que fazemos dessas situações e às representações do modo de acção nesses acontecimentos.

Esta área de estudo é relativamente recente, apontando-se geralmente os fins dos anos 60 como o momento do aparecimento das primeiras investigações. Na origem destas parece encontrar-se um conjunto de tendências ou factores convergentes que despertam o interesse pela compreensão do conhecimento ou do raciocínio sobre as relações sociais. Um desses factores foi precisamente a procura de estabelecer ligações entre a abordagem do desenvolvimento cognitivo na escola piagetiana e os princípios ou pressupostos das teorias da socialização de orientação behaviorista. Como salientam Youniss e Volpe (1978) os trabalhos desenvolvidos neste âmbito vieram, por um lado, desafiar o determinismo sociológico subjacente às teorias de socialização, na medida em que procuraram libertar o sujeito do seu papel passivo, apenas receptor de estímulos sociais e, por outro lado, enri-

(*) Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Universidade do Porto. Membro do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional.

(**) Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Director do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional.

Este estudo inscreve-se no Projecto D da Linha de Acção n.º 1 do Centro de Psicologia da Universidade do Porto (INIC).

queceram o campo de abordagem piagetiana ao valorizar a dimensão social que tinha sido relegada para um segundo plano. Não é pois de admirar que os trabalhos de Piaget sejam, na maior parte dos estudos, um quadro de referência quase obrigatório como ponto de partida para a pesquisa da cognição social.

Assim, nesta nova abordagem poderão frequentemente ser encontrados, como heranças da escola piagetiana, a concepção construtivista do desenvolvimento, a utilização do método clínico crítico, a preocupação com a definição de estruturas e estádios das mudanças ontogenéticas do raciocínio social.

Para além de Piaget, outros autores contribuíram também com princípios e conceitos básicos, destacando-se aqui a perspectiva interaccionista de Baldwin (1906), o conceito de «perspective taking» de G. H. Mead (1934) e a perspectiva do desenvolvimento interpessoal de Sullivan (1954). Saliente-se ainda, o contributo das teorias da Psicologia Social no estudo do desenvolvimento sócio-cognitivo (cf. Ruble *et al.*, 1985).

Em síntese, as investigações sobre o desenvolvimento sócio-cognitivo têm sido baseadas no pressuposto de que o indivíduo tem um papel activo no seu próprio desenvolvimento, nomeadamente na formação de constructos sobre os meios de vida. A maior parte dos estudos centram-se nas mudanças qualitativas/estruturais que ocorrem no sujeito, mais do que nos seus antecedentes ou efeitos. Isto não significa, obviamente, que estas considerações sejam ignoradas pela literatura sobre o desenvolvimento sócio-cognitivo. Uma das suas afirmações básicas é que as estruturas desenvolvem-se nas interacções do indivíduo com o meio. Contudo, a maior parte dos estudos centrou-se nas próprias cognições, na natureza e sequência do seu desenvolvimento, ao nível da estrutura mais do que nas condições antecedentes ou nos seus efeitos. (Ruble *et al.*, 1985). No entanto, nos últimos anos começam já a aparecer investigações que reflectem

mais este tipo de preocupações, alargando-se, deste modo, o campo de análise e de explicação do desenvolvimento sócio-cognitivo.

Dentro deste modelo conceptual global e a partir dos anos 70 começam a surgir investigações, cujo enfoque se orienta para a problemática sócio-cognitiva da amizade, nomeadamente para o estudo desenvolvimental das concepções de amizade. Procura-se responder a questões do tipo: Como é que as crianças e os jovens conceptualizam e raciocinam sobre as relações de amizade? Como é que essas concepções se organizam ou são estruturadas? Quais são as mudanças desenvolvimentais na concepção e compreensão da amizade? Que relação desenvolvimental existe entre o raciocínio e comportamento na amizade?

O presente trabalho enquadra-se no conjunto dos estudos que procuram contribuir para a compreensão e clarificação destas questões, situando-se particularmente no desenvolvimento das concepções de amizade nos jovens e tendo como referente teórico mais próximo o modelo sócio-cognitivo de Selman sobre a compreensão interpessoal (1980).

Globalmente este modelo teórico está intimamente ligado ao de Kohlberg sobre o julgamento moral e situa-se na tradição de Baldwin, Piaget e G. H. Mead; herdando deste último o conceito de *role taking*, Selman vai aprofundá-lo e submetê-lo a verificação empírica através de uma metodologia clínica, na linha de Piaget e de Kohlberg. Os estudos levados a cabo permitem-lhe ir progressivamente analisar o desenvolvimento do *role taking* em crianças e jovens. Nesse sentido a expressão utilizada por G. H. Mead passa a ser definida de modo mais diferenciado, passando a ser substituída pela expressão *social perspective taking* ou tomada de perspectiva social. A tomada de perspectiva social é um processo geral e básico do desenvolvimento social, definida mais especificamente como a estrutura desenvolvimental das relações entre o *self* e o outro. Cada nível da

tomada de perspectiva social representa uma orientação para o mundo social, uma determinada maneira de organizar o pensamento sobre as relações sociais. Desta forma Selman (1980) diferencia o conceito de tomada de perspectiva social e do conceito de *role taking* o qual implica apenas a tomada de perspectiva do outro ou o conhecimento do conteúdo da perspectiva do outro. Para Selman o *role taking* vulgarmente definido como colocar-se no ponto de vista do outro é apenas um dos estádios da tomada de perspectiva social, enquanto estrutura subjacente à compreensão do mundo social.

A metodologia utilizada na avaliação do desenvolvimento desta estrutura enquadra-se na linha piagetiana e caracteriza-se pela utilização da entrevista clínica semi-estruturada. Nesta são apresentados dilemas através de filmes ou verbalmente aos quais se seguem uma série de questões estandarizadas relacionadas com a história e que procuram focar a relação entre perspectivas. É também utilizada a contra argumentação através de questões abertas centradas no conflito cognitivo entre perspectivas diferentes.

Segundo Selman (1977), embora os níveis da tomada de perspectiva social representem processos desenvolvimentais, trata-se ainda de processos formais sem conteúdo psicológico. Neste sentido Selman procurou estudar também o desenvolvimento das concepções interpessoais, concepções definidas como os conteúdos da estrutura que lhes estão subjacentes. Tendo em conta preocupações de ordem prática e teórica Selman identificou entre os domínios da compreensão interpessoal o domínio das concepções de amizade.

A metodologia seguida na avaliação das concepções de amizade é idêntica à utilizada no estudo da tomada de perspectiva social. A partir da apresentação de um dilema, a entrevista centra-se na discussão e contra argumentação do que o sujeito pensa sobre a temática em questão, tendo em conta um conjunto de temas específicos a abordar e a explorar: formação da relação de

amizade, intimidade, ciúme, conflitos, etc.).

O desenvolvimento das concepções da amizade reflecte a evolução da estrutura que lhe está subjacente, a tomada de perspectiva social. Em linhas muito gerais poderia caracterizar-se a evolução desta estrutura através da passagem de níveis sucessivamente mais diferenciados e complexos: iniciando-se por um nível (0) de indiferenciação (entre características físicas e psicológicas) e de egocentrismo (confusão entre ponto de vista pessoal e do outro) passa para um nível (1) de diferenciação progressiva entre as características físicas e psicológicas, entre o ponto de vista pessoal e do outro e, posteriormente (2), para a possibilidade de se colocar no ponto de vista do outro (2.ª pessoa) e para uma maior compreensão da vida psicológica (início da adolescência). Num nível mais avançado (3) há já a possibilidade de sair do seu próprio ponto de vista e do outro, para assumir a perspectiva do sistema (3.ª pessoa), vendo-se simultaneamente como actor e observador, actuando e reflectindo sobre o efeito das suas acções (*Observing Ego*). O nível mais avançado (4) é, em certa medida, a generalização e a diferenciação do 3.º nível, traduzida na capacidade de abstrair múltiplas perspectivas mútuas.

Ao longo da adolescência, o jovem vai evoluindo do 2.º para o 3.º nível; de uma tomada de perspectiva recíproca (possibilidade de se colocar no ponto de vista do outro e compreensão de que o outro também é capaz disso) o que é equivalente à possibilidade de regressão infinita (eu sei que tu sabes que eu sei...), o jovem vai progressivamente adquirindo a capacidade para tomar a perspectiva do próprio sistema relacional (3.ª pessoa), o que é equivalente à aquisição de uma verdadeira mutualidade.

Ao nível das concepções da amizade, o desenvolvimento processa-se de forma paralela. No início da adolescência (2.º estádio), as concepções de amizade reflectem já uma orientação verdadeiramente interpessoal, traduzida no reco-

nhcimento das motivações, pensamentos e necessidades do outro, e não apenas de si próprio; intimidade, partilha e confiança são compreendidas num contexto de reciprocidade, embora ainda limitada a contextos e casos específicos e voltada para os interesses de si próprio e não para os interesses mútuos, da relação. Neste 2.º estágio a amizade é pois concebida em termos de «cooperação justa». No 3.º estágio o jovem vai concebendo-a em termos de partilha íntima e mútua. A concepção da amizade centra-se agora na própria relação, na colaboração em função do interesse e partilha mútua que se estende ao longo do tempo e já não no imediatismo ou na exclusividade dos interesses pessoais, como nos estádios anteriores: amigos são aqueles que partilham experiências, que se procuram conhecer mutuamente, ao nível de uma certa profundidade e intimidade, procurando manter e enriquecer a relação. Este clima de proximidade psicológica transparece também nas noções de ciúme e de conflito, concebida numa perspectiva positiva de reforço e de enriquecimento da relação, de comprometimento de ambos os parceiros num «trabalho relacional» comum, que satisfaça verdadeiramente ambos.

Um conjunto de estudos transversais e longitudinais têm vindo a dar apoio ao modelo de Selman (1980).

Fundamentalmente poder-se-iam dividir estes estudos em 3 grupos:

a) Estudos de validade e de fidelidade relativamente aos métodos de cotação e de interpretação do raciocínio sócio-cognitivo; em geral têm apontado para uma razoável fidelidade dos métodos de avaliação Brion-Meisels, 1977; Cooney, 1978; Jaquette, 1979; Lavin, 1979);

b) Estudos de validade de constructo, que vão no sentido de apoiar os critérios formais e teóricos de totalidade estruturada e de sequência invariante dos estádios da compreensão interpessoal (Cooney, 1978; Selman e Jaquette, 1977);

c) Estudos mais recentes orientados para a aplicação funcional do modelo: procura-se compreender as relações entre o raciocínio reflectido face a situações hipotéticas de dilemas e o raciocínio em acção em situações naturalistas. As últimas investigações vão no sentido da análise da relação entre comportamento, sentimento e cognições através da observação directa das estratégias de negociação de conflitos interpessoais (Jaquette, 1980; Selman e Demorest, 1984).

Em síntese, o modelo de Selman parece-nos ser uma boa referência teórica para o estudo que realizamos. Este estudo procura observar as mudanças que ocorrem na adolescência relativamente às concepções de amizade e à tomada de perspectiva social, em função do sexo e da idade; procura-se ainda estudar a relação desenvolvimental entre concepções e tomada de perspectiva social, a estrutura que lhe está subjacente.

Procura-se ainda explorar a adequação duma metodologia diferente da entrevista que tem sido vulgarmente utilizada nos estudos sobre este tema. Apesar de lhe serem reconhecidas grandes vantagens, a entrevista é frequentemente considerada um método dispendioso e complexo. Assim, neste estudo optou-se pela utilização de um questionário constituído por frases a completar e aplicável em grupo.

Metodologia

Instrumento

Trata-se de um questionário constituído por 12 itens do tipo frase a completar (Quadro I). Procura-se avaliar o que os jovens pensam sobre alguns aspectos da amizade e dos seus amigos, designadamente sobre a definição, formação, necessidade, importância, expectativas, qualidades e termo de amizade.

A elaboração deste questionário baseou-se em dois tipos de fontes:

a) — na literatura psicológica sobre esta matéria procurando seleccionar os temas e as questões que nos pareceram mais relevantes de acordo com a especificidade do nosso trabalho;

b) — em entrevistas com um grupo de 10 jovens, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, através dos quais se procurou avaliar a relevância das questões seleccionadas, assim como a acessibilidade da «forma» do instrumento e a adequação da linguagem tendo em conta o tipo de população a que se dirigia o nosso estudo.

Amostra

O questionário foi passado a 240 alunos do ensino secundário do Porto, do 7.º ao 12.º anos de escolaridade e com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos (Quadro II). Recorremos a duas escolas secundárias do Porto — uma ex-escola técnica e um ex-liceu — que apresentam uma população estudantil heterogénea quer em termos de sexo, quer do ponto de vista sócio-económico e mesmo geográfico, pois recolhemos alunos da cidade e de zonas da periferia. Os alunos a quem foi passado o questionário pertenciam a turmas sorteadas para o efeito.

Quadro I — Questionário de frases a completar sobre a amizade

- AS QUALIDADES QUE MAIS APRECIO NOS AMIGOS...
- A AMIZADE ACABA QUANDO...
- EU ACHO NECESSARIO QUE OS MEUS AMIGOS...
- CONTO COM OS MEUS AMIGOS...
- E BOM TER AMIGOS PORQUE...
- EU PRECISO DOS MEUS AMIGOS...
- SER AMIGO É...
- PRECISO DE UM AMIGO QUANDO...
- TER AMIGOS É IMPORTANTE PORQUE...
- O QUE EU ESPERO DE UM AMIGO...
- FAZER AMIGOS...
- O QUE EU GOSTO NUM AMIGO...

Quadro II — Distribuição dos sujeitos em função do sexo e da idade

GRUPOS ETARIOS	RAPAZES		RAPARIGAS	
	N	IDADE MÉDIA	N	IDADE MÉDIA
13	20	13	20	13
14	20	13,10	20	14
15	20	15	20	14,10
16	20	15,10	20	16
17	20	16,10	20	16,11
18	20	17,10	20	18
TOTAIS	120		120	240

Tratamento dos resultados

Foram contratadas duas observadoras, ingênuas acerca da natureza da presente investigação. O treino na avaliação das concepções de amizade e da estrutura «tomada de perspectiva social» seguiu uma sequência de quatro fases:

- 1.^a leitura e discussão do Manual de Avaliação da Compreensão Social de Selman *et al.* (1979) descrevendo as características dos vários estádios das concepções de amizade e da «tomada de perspectiva social»;
- 2.^a cotação conjunta de vários questionários e discussão das discrepâncias encontradas;
- 3.^a cotação independente das concepções de amizade, seguida de discussão das discrepâncias encontradas com a presença de um 3.^o observador;
- 4.^a idêntico à fase anterior, mas relativa à cotação da estrutura.

Obteve-se uma percentagem aceitável de concordância inter-observador: 80%.

A cada sujeito foram atribuídos 2 escores: um escore relativo ao estádio das concepções e outro atribuído ao es-

tádio da tomada de perspectiva social. Pelas dificuldades encontradas relativamente à avaliação de certos sujeitos em termos de um único estádio, optou-se pela cotação de estádios intermédios ou de mistura de estádios, nomeadamente entre o 1.^o e 2.^o e o 2.^o e 3.^o.

Resultados

Distribuição dos sujeitos pelos estádios das concepções

Observa-se uma percentagem maior de sujeitos no estádio 2 e 2/3 (Quadro III).

Pela observação do Quadro IV pode-se constatar a existência de uma percentagem maior de raparigas nos estádios mais altos e uma percentagem maior de rapazes nos estádios inferiores.

Verificou-se a existência de diferenças significativas ($X^2=213,257$; $gl=4$; para $p<0.01$).

Para possibilitar a aplicação do X^2 os sujeitos foram agrupados em 2 grupos etários (13, 14 e 15/16, 17 e 18 anos). Não foram encontradas diferenças significativas. ($X^2=7,492$; $gl=4$).

Embora os dois grupos se encontrem numa percentagem mais elevada no estádio 2, o grupo dos mais velhos apresenta uma percentagem superior nos estádios mais altos e menor nos estádios inferiores (Quadro V).

Quadro III — Percentagem de sujeitos em cada estádio das concepções

ESTADIOS	1	1/2	2	2/3	3	TOTAL
	4	7	63	18	8	100

Quadro IV — Percentagem de sujeitos de cada sexo em cada estádio das concepções

ESTADIOS	1	1/2	2	2/3	3	TOTAL
Sexo Fem.	1	3	69	20	7	100
Sexo Masc.	7,5	11	57,5	16	8	100

Quadro V — Percentagem de sujeitos em cada estádio das concepções em função da idade

ESTADIOS IDADES	1	1/2	2	2/3	3	TOTAL
13, 14, 15	6	8	82	13	5	100
16, 17, 18	2,5	7	58	22,5	10	100

No Quadro VI figuram as idades médias de ambos os sexos para todos os estádios (5) e, ainda, para cada sexo discriminadamente. Pela observação deste quadro pode-se concluir pela progressão simultânea

Relação entre idade e estrutura

Não foram encontradas diferenças significativas ($X^2=7,919$; $gl=4$). Para tornar possível a utilização do X^2 em-

Quadro VI — Idade média dos sujeitos em cada estádio das concepções discriminando-se o sexo

Estádios	1	1/2	2	2/3	3
Idades	14.4	15.0	15.3	16.1	16.5
Sexo Fem.	14	14.5	15.3	15.3	16.7
Sexo Masc.	14.4	15.2	15.3	16.3	16.3

da idade e dos estádios. Analisando mais detalhadamente parece verificar-se uma ligeira «precocidade» das raparigas relativamente aos rapazes em cada estádio (excepto no último estádio).

Distribuição dos sujeitos pelos estádios da tomada de perspectiva social

Verifica-se o mesmo tipo de distribuição dos sujeitos de cada sexo pelos estádios: maior percentagem de raparigas nos estádios mais elevados e maior número de rapazes nos estádios inferiores.

Encontraram-se diferenças significativas ($X^2=10,364$; $gl=4$; $p>0.05$).

Quadro VII — Percentagem de sujeitos em cada estádio de perspectiva social em função do sexo

Estádios	1	1/2	2	2/3	3	TOTAL
Sexo Fem.	8	3	68	10	11	100
Sexo Masc.	22	5	57,5	8	7,5	100

pregou-se o mesmo tipo de agrupamento referido anteriormente (Quadro VIII).

No quadro seguinte figuram as idades medidas para ambos os sexos e também para cada sexo discriminadamente para os 5 estádios (Quadro IX).

A observação do Quadro VIII levou-nos a afirmar que em ambos os grupos etários há mais sujeitos no estádio 2 (1/2 e 2/3) e mais sujeitos mais velhos em 3. Comparando idades médias e estádios não se verifica uma evolução absolutamente linear, na medida em que a idade média do estádio 1 é superior ao estádio 2; no estádio 1 a idade média é «inflacionada» pelo sexo mascu-

Quadro VIII — Percentagem de sujeitos em função de idade pelos estádios da estrutura

ESTÁDIOS IDADES	1	1-1/2	2	2-1/3	3
13, 14, 15	14	5	68	8	5
16, 17, 18	16	2,5	57,5	10	14

lino, enquanto no estádio 2 é o sexo feminino a inflacionar (Quadro IX).

Relação entre estádios das concepções e estádios da tomada de perspectiva social

Para tornar possível a aplicação do X^2 procedeu-se a um agrupamento dos estádios: 1, 1/2 com 2, e 2/3 com 3.

Quadro IX — Idade média dos sujeitos em cada estádio discriminando-se o sexo

ESTÁDIOS	1	1/2	2	2/3	3
IDADES (ambos os sexos)	15.3	15.0	15.2	16.1	16.6
Sexo Fem.	14.9	15.0	15.4	15.5	16.4
Sexo Masc.	15.5	15.0	15.1	16.8	16.8

Constata-se a existência de diferenças significativas ($X^2 = 70,537$; $gl=4$; $p < 0,001$).

Note-se a percentagem de sujeitos em estádios das concepções superiores aos estádios da estrutura e de sujeitos que se situam em estádios da estrutura superiores ao das concepções (Quadro X).

Quadro X — Percentagem de sujeitos pelos estádios das concepções e estrutura

T.P.S. CONCEPÇÕES	1	1/2+2	2/3+3
1	3	1	0
1/2+2	12	52,5	6
2/3+3	0	13	12,5

Discussão

Globalmente os resultados encontrados, relativamente às concepções e à tomada de perspectiva social, permitem-nos dizer que:

a) a maior parte dos sujeitos encontram-se no 2.º estádio das concepções de amizade e da estrutura de tomada de perspectiva social;

b) há diferenças estatisticamente significativas entre os sexos; pela análise dos resultados parece observar-se uma tendência para as raparigas, em percentagem superior à dos rapazes, se situarem nos estádios superiores; uma percentagem superior de rapazes está posicionada nos estádios inferiores;

c) relativamente à idade, ainda que em termos estatisticamente não significativos, observa-se um aumento progressivo da idade simultâneo à progressão nos estádios, o que pode ser confirmado pelas idades médias que vão sendo progressivamente superiores; verifica-se ainda que nesta progressão ao longo dos estádios o sexo feminino apresenta sempre uma ligeira «precocidade» relativamente à idade em cada estádio;

d) encontram-se também diferenças significativas entre os estádios das concepções e os estádios da tomada de perspectiva social.

Apenas os resultados constatados relativamente ao sexo corroboram investigações anteriores; os outros não vão justamente no mesmo sentido do que seria de esperar à primeira vista, tendo em conta a literatura existente sobre o tema.

As diferenças encontradas quanto ao sexo, dando uma maior vantagem ao sexo feminino relativamente à evolução ao longo dos estádios, poderão ser compreendidas à luz de duas hipóteses que a este propósito têm sido levantadas na literatura:

- essas diferenças poderão estar ligadas ao tipo de instrumento utilizado, que faz apelo a aptidões verbais; parece que as raparigas lidam melhor com as situações que fazem apelo às competências expressivas (Furman e Bierman, 1984);

- essas diferenças parecem também ir no sentido das diferenças no processo de socialização de cada um dos sexos: o sexo feminino parece ser mais estimulado e reforçado para estar atento às necessidades do outro, para se colocar no ponto de vista do outro e para valorizar dimensões do tipo emocional nas relações com os outros. Estas características mais prementes no processo de socialização das raparigas cor-

respondem em larga medida às características do 2.º e 3.º estádios da compreensão interpessoal.

Relativamente à idade e de acordo com as investigações realizadas no âmbito do modelo de Selman seria de esperar uma tendência clara de passagem do 2.º para o 3.º estádio, logo no início da adolescência e, possivelmente, poder-se-ia ainda constatar o início da passagem para o 4.º estádio. Os resultados encontrados vão no sentido dum certo «atraso» nesta progressão, sendo como vimos o 2.º estádio em que a maioria dos sujeitos se encontra. Como então interpretar este «atraso» ou esta progressão mais lenta?

Consideramos que este fenómeno deve ser analisado no contexto da metodologia que utilizamos na avaliação das concepções e da estrutura. A opção por uma metodologia diferente poderá estar a condicionar a existência de resultados diferentes dos que poderiam ser esperados. Ao contrário da entrevista na qual há possibilidade de o sujeito ir gradualmente reflectindo e argumentando sobre as questões propostas, o questionário escrito com frases a completar permite apenas respostas designadas por Selman como «orientação inicial ou espontânea». Esta orientação revelará apenas o nível mínimo em que o sujeito opera. Assim, enquanto a entrevista procurará avaliar o nível de competência do sujeito traduzido no seu nível mais alto de raciocínio reflectido, o nosso questionário avaliará apenas o nível de performance ou nível mínimo de compreensão interpessoal (cf. Silbereisen, 1985).

Esta hipótese explicativa das diferenças globais encontradas quanto à idade, poderá servir também para compreender o resultado mais dissonante do nosso estudo que é a diferença significativa entre concepções e estrutura. Dentro do quadro de referência estrutural cognitivo não há possibilidade teórica de encontrar sujeitos com concepções mais evoluídas do que a estrutura; isto é, as concepções podem desenvolver-se ao mesmo tempo ou de-

